



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

Director literario:

*António de Oliveira*  
PAPIM

O SECULO

Director artistico:

*Eduardo Collares*  
PAPUSSE

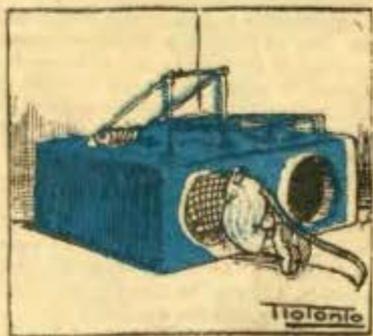
# Ratão Cabulão



Seu grande cábula!... — (Ralha  
Mamá Rata ao seu meúdo) —  
O menino não trabalha;  
Seu patife, seu canalha,  
Nunca mais falte ao estudo!

Ratãozinho de mãos postas,  
Promete que há-de emendar-se;  
Mas assim que volta costas,  
Sem mais nenhuma resposta,  
Resolve logo safar-se.

E em vez de ir para o colégio  
Vai para a casa da copa  
Onde um belo pudim régio,  
Sem patente ou privilégio,  
Na prateleira se topa.



E além do régio pudim  
Um copinho de geleia  
Brilhante como o setim,  
Digna de um príncipe, enfim  
Como nem se faz ideia!

Mas rico cheiro a toucinho  
Vem de trás dum cortinado,  
«Oh! que adorável cheirinho!  
Mas que belo petisquinho!»  
Clama ratão encantado!

Nisto cá na ratoeira,  
Como um leão numa jaula;  
Castigo da maroteira!  
Por andar na brincadeira  
Em lugar de ir para a aula.



: NOVELA INFANTIL:

: Por MARIA ROSA RÉSÉDÁ:

: Desenhos de EDUARDO MALTA:

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

Passem por cá muito bem!... Ora quem havia de dizer!... E «Farrusco» indignado voltou as costas ao Rei e deu alguns passos em direcção à porta.

— Anda cá «Farrusco», Olha que isto tudo era brincadeira, rapaz, foi para te experimentar!... gritou o monarca, satisfeitiíssimo por ver que o limpa-chaminés tinha tão bons sentimentos.

«Farrusco» voltou um pouco hesitante, olhando de revez para o Rei, com certa desconfiança.

— Então foi para «reinar» que vocemecê me disse isso, senhor Rei? cuidei que fôsse a sério e por via dessas palavras senti um baque no coração porque sou amigo de vocemecê e tinha pena que o senhor Rei desprezasse assim os pobres. Desde o momento que a minha boa velhinha venha para junto de mim, então aceito o que vocemecê me ofereceu. Bem haja, pois, senhor Rei!...

— Com certeza rapaz. Podes trazer também todos da tua família. No palácio não faltam alojamentos nem comida. Estamos então de acôrdo, não é verdade? A partir de hoje ficas sendo o meu filho mas... tens de usar outro nome pois «Farrusco» é uma alcunha e, além disso não é digno de um príncipe. Qual é o teu nome verdadeiro?

— Miguel Salvador.

Esse é bonito. Usarás também Reinaldo, que é o meu. «Farrusco» desapareceu, hoje só existe Sua Alteza o Príncipe Reinaldo Miguel Salvador. Vou dar ordem aos alfaiates da corte para que façam imediatamente um fato digno da tua jerarquia: os príncipes não costumam vestir tão humildemente. Chamando um pagem, ordenou-lhe que transmitisse a sua ordem aos alfaiates.

— Ah! Ah! Ah! gargalhou o bôbo ironicamente, dando três formidáveis cambalhotas. Um limpa-chaminés tornado num príncipe nunca vi!... Faço ideia que hás-de ficar lindo, com essa cara de fuinha!... Sume-te já da minha vista, grande intrujão. Com certeza não estás hoje bom de cabeça, Rei!... Um limpa-chaminés tornado num príncipe!...

Ah! Ah! Ah!...

O olhar de «Farrusco» relampejou de cólera. Era demais

tanta insolência. Chamar-lhe intrujão... a ele... Esqueceu-se por completo do lugar onde estava. Com os punhos cerrados, correu para o bôbo e com uma saraivada de socos e pontapés, virou-o de pernas ao ar. O pobre bôbo ergueu-se maguado e acercando-se do monarca que sorria, disse dolorido:

— Manda-o prender, Rei!... Não vês que ele ousou levantar a mão para o teu bôbo?

— Quem devia ser castigado eras tu, respondeu o monarca com severidade. És às vezes tão malcriado e insolente que ninguém têm paciência para te aturar. Quero que respeites o meu filho que é também o teu senhor. Vai imediatamente pedir perdão a Sua Alteza o Príncipe Reinaldo Miguel Salvador.

— «Manda quem pôde, obedece quem deve» cantarolou o bôbo, fazendo três piruetas, pois nele as tristezas não duravam um minuto. Curvou-se humildemente diante de «Farrusco» e olhando-o, com malícia, fingiu murmurar umas palavras de perdão. O pequeno limpa-chaminés deitou-lhe um olhar de desprezo e disse para o Rei:

— Gostava de saber se consente numa coisa que lhe vou pedir...

— Dize lá.

— Era isto. Enquanto este fato me servir, vocemecê hás-de dar-me licença que eu o vista todos os mezes, num dia escolhido por mim, para limpar as chaminés do palácio, ajudado, já se sabe, por um dos meus camaradas limpa-chaminés. Sabe?... tomei amor ao ofício e custa-me deixá-lo assim de pé para a mão...

Nesse dia o senhor Rei deixa-me fazer tudo quanto eu quizer. Voltarei a ser «Farrusco», o limpa-chaminés. Deixa?

— Pois sim, meu filho, respondeu o monarca deveras intrigado com a ideia de «Farrusco».

Os ministros, os conselheiros e mais dignatários da corte, entreolharam-se inquietos. Porque razão quereria o limpa-chaminés ter plena liberdade no tal dia?

(Conclue no próximo número)

COLABORAÇÃO  
INFANTIL

A Idade-Bébé

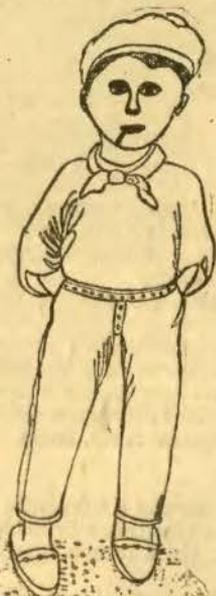
Por GRACIETTE BRANCO

— ¡Que lindos são os serões,  
que o inverno traz consigo!  
Entre histórias de papões,  
e fantasmas ao postigo!..

Em cada lar, recostada,  
uma avòzinha, que fez  
cem anos p'la consoada,  
e que diz; — Era uma vez. .

E os netinhos e netinhas,  
a preguntarem: — Depois?..  
E a chorarem, se as vaquinhas  
morreram, ficando os bois!..

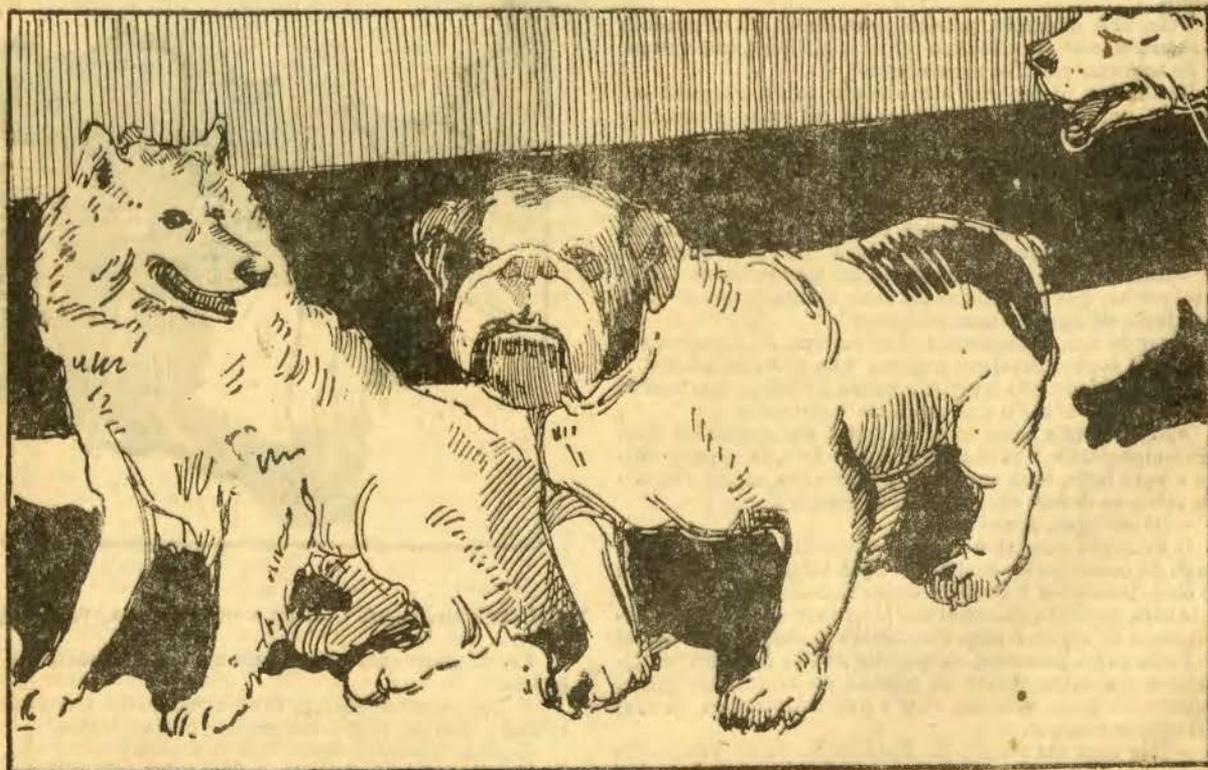
— ¡Eu já não tenho avòzinha,  
que me embale em contos seus!  
Minha Infância é andorinha  
que voou p'ra longes Céus!



FRAGATEIRO

*Alcides Soares, Marçães, 11 anos de idade*

*Publicado em junho de 1922*



Meus meninos: Vejam se conseguem descobrir os donos destes cãesinhos de raça.

# AS TRÊS CIDRAS

:: Por MARIA BRANCO ::

Desenhos de Eduardo Malta

*ESTE conto é já muito velhinho. Ignoro a sua tragem e já-mais o vi transcrito sobre os livros de histórias. Teria nascido nas Beiras por serões de inverno, enquanto a lenha crepita nas lareiras? Ou por alguma suave tarde algaroia? Quem mo dirá? Simplesmente sei que ele embalou três gerações successivas de minha família e recordo com saudade quando minha boa mãe o contava poeticamente a seus filhos, conseguindo assim que eles estivessem quietinhos, a seu lado, enquanto ela diligente costia, costia.*



Príncipe chegara à maioridade.

Era preciso correr terras em busca de aventuras, demonstrar ao reino, sua coragem e valentia.

O Rei olhara-o enlevado: desempenado e forte desconhecia o medo e seus olhos verdemar, tranquilos como lagos adormecidos, acendiam-se vivazes, mal deparava com injustiças ou cobardias.

Partiu sozinho, sem aios

nem pagens.

Percorreu terras longínquas de povos selvagens e civilizados.

Defendeu os fracos, pelejou pelos humildes, socorrendo os abandonados... todavia o prazo ia a findar, sem que nada de sobrenatural lhe acontecesse.

Desiludido, descobriu alcandorado sobre abruptos penhascos, um templo abandonado. Lá em baixo o mar bramava furiosamente e o Príncipe scismava melancólico.

Súbito, apareceu uma velhinha que lhe ofereceu um cabaz de prata, contendo três grandes e maravilhosas cidras.

Apesar de curvada, essa senhora era ainda rosada e fresca, e em seus olhos azues claros, brilhava a límpida candura, que possuem as pupilas ingênuas dos pequeninos.

— Anima-te. Aqui tens o prémio das tuas virtudes. Advirto-te, porém, que somente abras estas cidras, junto de qualquer fonte de águas claras e frescas.

Dizendo isto, desapareceu, e o Príncipe, realizando o seu mais belo sonho, cavalgou o gínete que partiu a galope.

A curiosidade não largava o pobre Príncipe, que morria e estalava por saber o que as cidras continham.

Apesar de não haver mais do que a visinhança do mar, o Príncipe partiu a primeira. Mal sua faca de caçador cortou o belo fruto, uma senhorita pequenita e airosa lhe saltou sobre os dedos, exclamando apressada:

— Dá-me água, senão morro!

O Príncipe arregalou os olhos desmedidamente. Por descargo de consciência, encheu de água salgada sua escudela de oiro, levando-a à boquilha da linda donzelinha.

Aflito, mordido de remorsos, assistiu à agonia dessa bonequinha de carne e osso, que sofria e morria por sua causa!

Expirando, colocou-a novamente dentro da cidra, enterando-a respeitosa e no pinhal de ramos esgalgados, vergastados pelas nortadas rijas e que soltavam ao ar suas lamentosas queixas.

— Isto deve ser a lição da Prudência. Ai de mim! Mas ela só nos visita quando os cabelos desbotam e o coração serena! — monologava o triste Príncipe.

Pôs-se de novo em marcha e a tentação voltou imperiosamente. Resistia-lhe a princípio o Príncipe, mas, arditamente, insidiosamente, ela ia roendo, quebrando a boa vontade do filho do Rei.

Avistando ao longe uma estalagem, dirigiu-se para ela.



Ceou e deitou-se. Todavia o sono tardava, não chegava mais...

Levantou-se enervado, abeirando-se da janela do seu quarto.

A dois metros abaixo, existia um pátio, possuindo ao centro a cisterna com a competente corda e balde.

Enfim! Tinha ali água límpida e pura!

Escolheu a segunda cidra e dum salto alcançou o pátio. Na precipitação esquecera a faca de mato.



Fincou os dentes e o fruto estalou, espirrando um líquido rosado com sabor a sangue. Outra menina apareceu, mais bela do que a primeira, gritando angustiada.

—Dá-me água, senão morro.

Ofereceu-lha o Príncipe, imediatamente. Mas ela rejeitou-a, murmurando a custo:

—Insensato, Desejava-a duma fonte de águas claras e frescas.

Dizendo isto, debateu-se com as âncias da morte, qual passarinho ferido, acabando aos poucos, suavemente...

O Príncipe enlouquecia de dor!

De madrugada, quando o boeiro veio dar água ao gado, encontrou o Infante vinte anos mais velho.

Suas faces estavam pisadas e pelos cabelos loiros corriam fios brancos.

A chegada do maioral despertou-o da sua meditação, Penitenciava-se. Sofrera toda a noite remorsos sem fim, porêrem, se a cabeça alvejara, era porque a sua alma palpitava já com ponderação.

E assim, somente chegado à fonte de águas correntes e

frescas, que ficava a dois passos do seu reino, o Príncipe, lascou o terceiro pomo.

Maiorzinha do que suas irmãs, talvez mais linda do que elas, uma Infanta saiu da cidra, soluçando quasi:

—Dá-me água, senão morro.

A' medida que bebia, a bonequinha crescia, crescia, até tomar proporções de gente.

Repentinamente, o Príncipe viu a seu lado uma esbelta dama de olhos risonhos e da cor do mel.

Mirava-a, encantado pela sua formosura e pelo ar de alegria que dela emanava.

Descobrimo-se respeitoso, comunicou-lhe:

—Rainha da minha vida, ficai um instante sôb a rama-ria d'êste carvalho, enquanto corro ao Palácio a buscar-vos séquito digno de ali vos conduzir.

Acedeu simplesmente a linda Princezinha, e, mal o Príncipe se sumiu entre nuvens de pó, ela saltou ágilmente, sôbre um ramo da magestosa árvore.

Não tardou muito que uma preta viesse à fonte, para encher a sua bilha. Confusa, mirou as águas calmas do tanque, onde se reflectia a sombra da gentil menina.

— Preta tão feia, em sombra tão linda, vir à fonte buscar água, quebra-te cantarilha!

E assim falando, arremessou ao longe a inusa de barro, que estrelou o chão de bocadinhos vermelhos.

Riu lá de cima a alegre Infanta.

Só então, percebeu a pretinha o seu logro.

—«Menina linda, menina linda», ia dizendo ela.

A Princesa de olhos-de-mel achou-lhe graça, e gargalhando sempre, veio mansamente até junto da negra que, ao vê-la, ali bradou espantada:

—«Ai! o que a menina linda tem na cabeça!» cravando-lhe, ao mesmo tempo, um alfinete mágico.

Logo uma pomba branca, se perdeu pelo espaço fóra e a preta, anichando-se no tronco da árvore, aguardou a volta do Príncipe.

Ante o pasmo da comitiva, e a desilusão do Príncipe, a preta balbuciava.

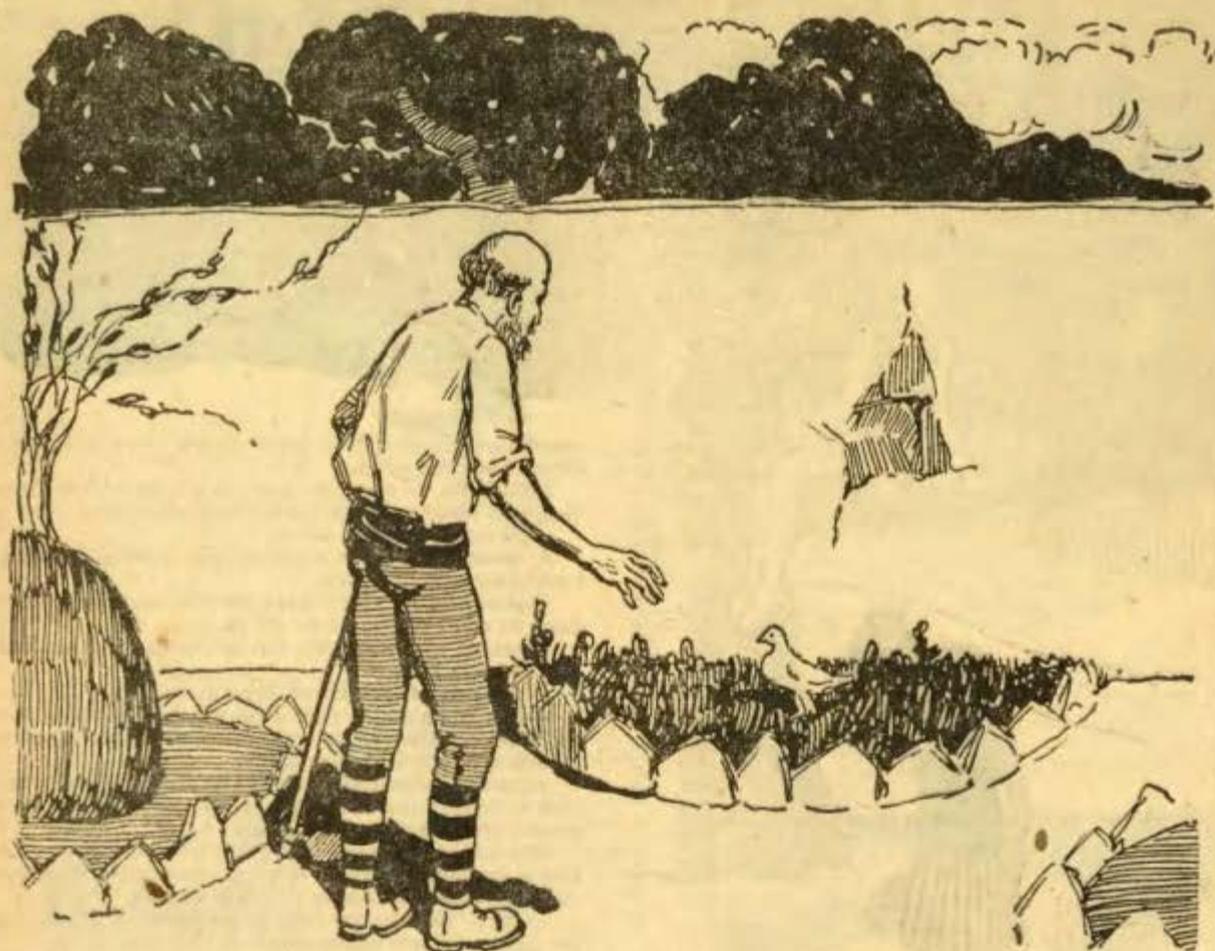
— Foi o sol que me queimou, foi o sol. Levem-me ao Paço, tornarei a ser a «menina-linda».

Efectivamente foi conduzida ao Palácio-Real, entre escarinhos sorrisos.

Os espaçosos salões metiam-lhe medo e a preta começou a sentir-se só, absolutamente só. Embrenhava-se pelos frondosos parques, acompanhada pelo certo pagem de coração bondoso, que tentava consolá-la em vão. Descortinando esta doce ternura, sentiu a negra o peso da sua má acção, e só cogitava dia e noite a forma de remediar o mal que causara ao doce Príncipe que fugia das festas, minado de saudades...

Ora certa manhã o hortelão acercou-se do Príncipe, e entre m'asuras, participou-lhe que todos os dias uma pombinha alva de neve, poisava sôbre o canteiro da hortelã, e falava, santo Deus! falava em verso:

Hortelãzinha, hortelãnota  
Como passa o nosso Príncipe  
Com sua preta negra e torta?



Passa bem, regala a vida,  
Triste pombinha, por aqui perdida.

—Arma-lhe um laço de fita, respondeu-lhe indiferente o  
belo Príncipe:

Nessa tarde, menos distraído escutou a nova do hortelão,

— Saiba vossa Alteza que a pombinha exclamou, deparando o laço de fita:

«Pinta aqui, pinta ali...  
Laço de fita,  
Não é para mim.»

— «Armar-se-há um laço de prata» ordenou o infante.  
Mas a pomba voltou, e disse:

«Pinta aqui, pinta ali...  
Laço de prata  
Não é para mim»

Já um tanto intrigado, ajudou na manhã seguinte o hortelão a colocar no canteiro dos cheiros, uma armadilha de oiro. Espreitou.

▲ pombinha poisou sobre o laço, e cantou, com a zima, as seguintes palavras:

( C o n t i n ú a n a p á g i n a 8 )

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM!

Ainda se encontra à venda o VIII volume

# Bébés de Bibe e Babette

Por GRACIETTE BRANCO  
Desenhos de EDUARDO MALTA

PRÓXIMO VOLUME

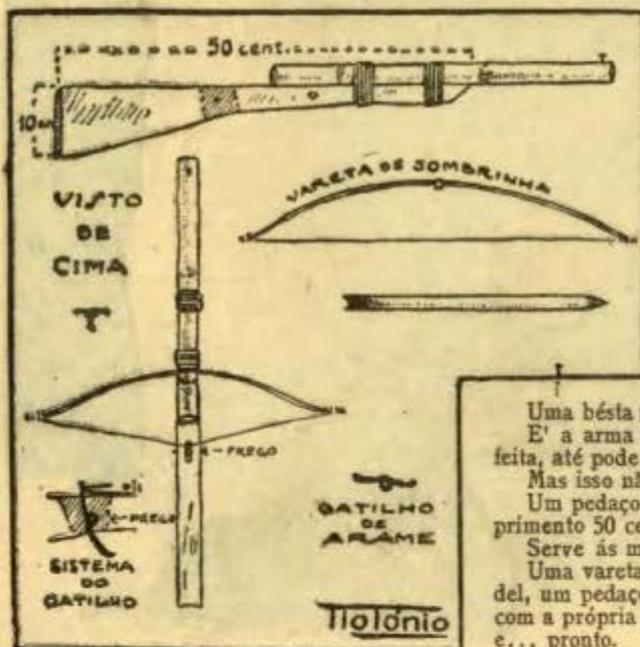
OS PALHAÇOS NOVELA INFANTIL

POR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

# HORA DO RECREIO

## UMA BÊSTA

*Meus amiguinhos!*



Então como tem passado durante a minha ausência? Todos bem, creio eu. Início novamente no «Pim Pam Pum» a secção de «engenhocas» que tanto interesse despertaram nos números passados.

Tudo a postos!

A ferramenta é das mais reduzidas pois o que é preciso principalmente é um pouco de habilidade e essa, não há nenhum dos meus sobrinhos que a não tenha.

Uma bêsta; o que é uma bêsta?

E' a arma de guerra que estais vendo na gravura e que, sendo bem feita, até pode apanhar pardais.

Mas isso não se faz que é maldade...

Um pedaço de madeira com o feitio que a gravura indica tendo de comprimento 50 centímetros pouco mais ou menos.

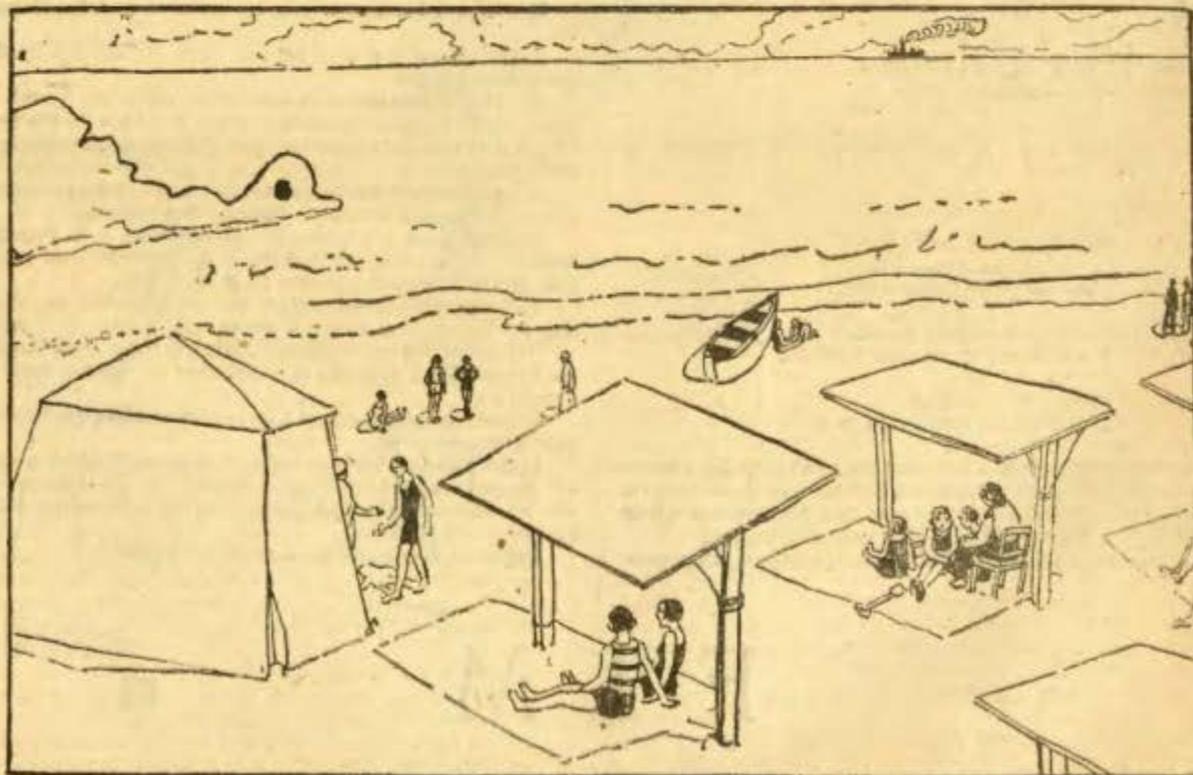
Serve às mil maravilhas um tronco de palmeira?

Uma vareta de chapéu de chuva, cujas pontas se prendem com um cordel, um pedaço de cana completamente perfurado (o que até se pode fazer com a própria vareta) arame torcido para fazer o gatilho, um prego, cordel e... pronto.

Os projecteis podem ser tirinhas de madeira e depois, muito cuidado com os olhos dos manos... A seguir, outras interessantes engenhocas, não só para os pequeninos, como para as meninas e manos mais velhinhos. Para quaisquer informações, conselhos ou pedidos, está sempre às vossas ordens o

**TIOTÓNIO** — Rua do Se.ulo 43 — LISBOA

## PARA OS MENINOS COLORIEM





## As três cidras

(Continuado da página 6)

«Hortelãinha, hortelãnota  
Como passa o nosso Príncipe  
Com sua preta negra e torta?»

Passa bem, regala a vida,  
Triste de mim por aqui perdida.

Pinta aqui, pinta ali...  
Laço d'ouro é que é para mim»

O Príncipe agarrou-a comovido. Acafiçando-lhe a cabeça irrequieta, deparou com um alfinete que a atravessava. Arrancou-lho delicadamente e logo após deparou com a bela Infanta de olhos-de-mel que lhe sorria alegremente.

E, a sorrir, contou-lhe tudo. O Príncipe forjava já em men-

te, terríveis castigos a aplicar à preta má, quando a Princesa lhe segredou:

—En é que a punirei.»

Segurava a princesa em suas belas mãos um gomil de prata, e uma cestinha de ouro.

E, felizes, correram os dois ao encontro da falsa Princesa.

Avistando-os, a preta caiu por terra, de joelhos, implorando-lhes perdão.

E a alegre Infanta, esvasiou sobre ela o seu gomil de prata, indo a correr, espremer sobre a cabeça do seu belo Príncipe certas amoras loiras, que vinham dentro da cestinha doirada.

A preta ficou transformada numa donzelinha morena, e o Príncipe perdeu de vez os seus cabelos brancos.

Realisaram-se a seguir dois casamentos, o do Príncipe herdeiro com a Infanta sorridente, de olhos-de-mel, e a da bela moreninha com o pagem da Rainha-Mãe.

Todos os anos chegavam ao palácio cestinhas entretecidas de flores, com meninos e meninas, vindos de França.

Dez princesinhos folgavam pelos parques assombrados do Palácio Real, jogando com bolinhas de rubis e arcs de esmeralda.

Repartiam estas riquezas com os pobresinhos, que sorriam para eles com amor.

E, dia a dia, a Princesa tinha os olhos mais doces e mais cor de mel e as suas risadinhas cristalinas vibravam por todos os cantos do Reino, deparando à sua roda, outros sorrisos singeros e sentidos.

Foguetes! Morteiros! Acabou-se a história!!!

F I M